

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15125 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

ELEMENTOS FORMATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA INTEGRALIDADE DO SER SURDO DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINA

Waldma Maíra Menezes de Oliveira - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Ivanilde Apoluceno de Oliveira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

ELEMENTOS FORMATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA INTEGRALIDADE DO SER SURDO DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINA

Resumo: A integralidade do ser rompe com o silenciamento das vozes e dos corpos interditados dos oprimidos e apresenta o reconhecimento do corpo consciente e dos elementos formativos identitários do ser humano, a partir dos diálogos e das interações sociais construídas entre um Eu e um outro. A pesquisa busca responder: quais são os elementos formativos que atuam no processo da construção das identidades surdas, a partir das narrativas de vida que os Surdos da Amazônia Tocantina fazem de si ao reconhecerem-se e afirmarem-se como sujeitos Surdos? Consiste em uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa tendo a colaboração de 04 sujeitos surdos. Constatou-se que há outros elementos formativos no construto das identidades surdas para além da Libras e da deficiência, como: a cultura, o território, a raça, a classe, o gênero, a religião, a militância, o trabalho e o estudo.

Palavras-chave: Integralidade do Ser, Surdez, Amazônia tocantina.

1. Sinalização inicial

A integralidade do ser rompe com o silenciamento das vozes e dos corpos interditados dos oprimidos e apresenta o reconhecimento do corpo consciente e dos elementos formativos identitários do ser humano. Na integralidade do Ser os elementos formativos identitários constituem o todo do ser e o todo constitui os marcadores sociais presentes nas identidades culturais a partir dos diálogos e das interações sociais construídas entre um eu e o outro.

O ser humano é descrito como corpo consciente, relacional, histórico, cultural e inteiro e os elementos formativos identitários são vistos e não hierarquizados, todos possuem seu valor na formação do Ser: gênero, raça, classe, religiosidade, língua e cultura. A integralidade do Ser parte da premissa do reconhecimento da pluralidade existencial que forma o ser, o que implica “respeito pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do

outro, a classe do outro, a orientação sexual do outro, a capacidade intelectual do outro; que implica a habilidade para estimular a criatividade do outro” (Freire, 2020, p. 132).

De acordo com Oliveira (2023) a integralidade do Ser surdo busca a condição de olhar o outro em uma perspectiva de diferença como alteridade, da unicidade presente na pluralidade do sujeito e da inteireza de ser, com intuito de não anular nenhum aspecto formativo do ser social, ao contrário, conceitua a surdez no campo biossocial, filosófico e antropológico ao apresentar a surdez no campo da deficiência, da diferença linguística, do gênero, da raça, da classe, da religião, da etnia e de todos os marcadores sociais na sua interseção na formação da inteireza do Ser.

Um elemento formativo não nega o outro, a deficiência não representa um risco à Língua Brasileira de Sinais e/ou uma perda de identidade do surdo (Santana, 2007). Também não se pode negar a perda auditiva do surdo, pois ela não é uma invenção dos ouvintes (Bueno, 1998). Portanto, faz-se necessário olhar o surdo em sua integralidade, como ser social, fazedor e criador de cultura, como ser deficiente auditivo, como ser pertencente a uma comunidade linguística, possuidor de uma identidade de gênero, uma religiosidade, uma etnia, ou seja, a sua inteireza de ser, não ignorando ou negando qualquer elemento formativo de sua identidade, mas sim percebendo e demarcando a pluralidade que forma sua unicidade.

Olhar a surdez por outras lentes é problematizar conceitos, dialogar com teorias e outras áreas de saber. É percorrer veredas epistêmicas as quais o tempo e a acadêmica não deram conta, percebendo essas lacunas não como falha, mas como oportunidades outras de elaboração e construção de conhecimento, “talvez seja necessários outros olhares, outras palavras, um novo território de espacialidades e temporalidades” (Skliar, 2003, p. 155) sobre a surdez.

Neste estudo busca-se responder: quais são os elementos formativos que atuam no processo da construção da integralidade do ser, a partir das narrativas de vida que os Surdos da Amazônia Tocantina fazem de si ao reconhecerem-se e afirmarem-se como sujeitos Surdos? E o objetivo geral é analisar os elementos formativos que atuam no processo da construção da integralidade do Ser Surdo, a partir de narrativas de vida.

2. Metodologia Sinalizada

Consiste em uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, sendo utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, com foco teórico das narrativas de vida, descritas no Círculo Dialógico Cultural (CDC). De acordo com Oliveira (2023, p. 172) “o CDC constitui-se enquanto técnica metodológica decolonial, propondo uma prática investigativa enraizada no diálogo como instrumento de mediação entre o pesquisador e o participante da pesquisa”. Entrevistou-se 04 (quatro) sujeitos surdos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – perfil dos entrevistados

Nome fictício	Idade	Sexo	Escolaridade	Município	Libras	Trabalha
Nelson	25	Masculino	Ensino superior incompleto	Cametá	Fluente em Libras	Sim
Patrícia	21	Feminino	Ensino superior incompleto	Igarapé-Miri	Fluente em Libras	Sim
Shirley	23	Feminino	Ensino superior incompleto	Igarapé-Miri	Fluente em Libras	Sim
Gladis	33	Feminino	Ensino médio completo	Oeiras do Pará	Fluente em Libras	Não

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os critérios éticos foram respeitados neste estudo, no que tange: aprovação da pesquisa no comitê de ética na Plataforma Brasil e aos sujeitos solicitou-se a confirmação e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Na análise dos dados trabalhou-se com a técnica de categorização da análise de conteúdo (Bardin, 2010).

3. Algumas Sinalizações

No círculo dialógico cultural, perguntou-se aos entrevistados “Quem é você?” com o intuito de perceber os elementos que construam suas integralidades. Os elementos formativos que atuam no construto de suas integralidades são a surdez enquanto dimensão social, corporal e linguística, a raça, a classe, o gênero, o território, a cultura, a religião, a militância, o trabalho e o estudo, conforme as narrativas sinalizadas a seguir

Além de ser surda, eu sou mulher, branca, instrutora de Libras, futura universitária do curso de Letras LIBRAS, católica e pertencente ao Movimento Social Surdo de Oeiras do Pará (Entrevistada Gladis, grifo nosso).

*Eu sou surdo, **também sou** universitário, trabalho no GESAT, sou casado com a M., tenho amigos ouvintes, trabalho. Bom, eu sou surdo, homem cametaense, adventista, casado, universitário, instrutor de Libras, pesquisador do GESAT e presidente da ASURCAM (Entrevistado Nelson, grifo nosso).*

Eu sou surda e universitária, jovem, mulher, negra, evangélica do grupo 'Mãos que semeiam', miriense, empoderada, feminista, amazônida, pesquisadora do GESAT, instrutora de LIBRAS, militante da comunidade surda de Igarapé-Miri (Entrevistada Patrícia, grifo nosso).

*Eu sou surda, **mais** universitária, mulher, jovem, católica e praticante de Testemunha de Jeová, empreendedora, amazônida, pesquisadora do GESAT e militante da comunidade surda (Entrevistada Shirley, grifo nosso).*

A Língua Brasileira de Sinais configura-se como elemento vital na integralidade do ser de Gladis, de Nelson, de Patrícia e de Shirley. Essa língua representa a unidade como selo da diferença linguística, além da promoção da criação de espaços de lutas, de resistência, de compartilhamento e acolhimento de suas diferenças dos movimentos sociais e as associações de surdos. A Libras torna-se elemento de identificação desta diferença, mesmo sendo marcação identitária de sujeitos surdos com identidades, culturas, história de vida e territórios outros.

Os entrevistados sinalizaram que eram sujeitos surdos e, em seguida, utilizaram os sinais em Libras (*mais e também*) e o classificador de quantidade para apresentar os outros elementos que constituem suas integralidades. Na transcrição, as intérpretes de Libras utilizaram conectivos que coordenam as orações sindéticas aditivas, como: e, também, mais, além de. Esses conectivos expressam o significado de totalidade do ser, isso é, ao mesmo tempo que esse ser é surdo/usuário da Língua Brasileira de Sinais, ele possui um gênero, uma raça, uma classe, entre outros cortes de diferença.

Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley demarcam suas identidades de gênero, identificam-se com o gênero que lhe foram atribuídos ao nascimento, sendo sujeitos surdos cisgêneros. Gladis e Shirley se apresentam como mulheres brancas; Patrícia, como mulher negra; e Nelson, como homem branco. O gênero é um elemento construtivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1990, p. 14).

No combate às opressões de gênero, as mulheres entrevistadas assumem um traço decolonial enquanto feministas. Gladis e Shirley são feministas, lutam contra a dupla diferença que gera a discriminação sobre seus corpos (gênero e surdez); já Patrícia, contra a tripla diferença que reverbera as opressões sofridas (gênero, raça e surdez). Destaca-se, portanto, que o feminismo não é nem deve ser hegemônico e universal na categoria universal de mulher. Ao contrário, o movimento feminista deve ser plural, decolonial e reconhecer as diferenças que foram essas mulheres e, assim, propiciar o fortalecimento da luta coletiva contra a opressão, respeitando os cortes de diferença que formam a unidade desta mulher.

Todos os entrevistados da pesquisa participam dos movimentos sociais surdos em cada município e da associação de surdos. Desse modo, assumem uma atitude militante contra as opressões do capacitismo, do oralismo e do ouvintismo outro traço decolonial ilustrado nas entrevistas.

Outro elemento identitário compartilhado pelos entrevistados é a atuação profissional como instrutores de Libras. Nota-se que, a partir do momento em que a surdez foi tratada como traço cultural, foi possível enxergar o sujeito Surdo não mais pela ótica da correção acerca de um corpo com dano, mas como sujeito social capaz de ser ensinado, de trabalhar e viver plenamente na sociedade.

Nessa perspectiva, os Surdos foram ocupando os espaços sociais por meio da

resistência e da militância presentes nos movimentos surdos. Um dos espaços sociais ocupados por esse sujeito é o mundo do trabalho. De acordo com Klein (1999, p. 79), o assunto começa a ser tratado quando a surdez se configura como diferença cultural e materializa no trabalho um sentido libertador, “[...] levando o sujeito surdo à conquista da autonomia”.

O trabalho, assim, oportuniza autonomia ao sujeito e materializa o reconhecimento de suas potencialidades. Ocupar um espaço de poder, ao ensinar a sua língua (Libras) é romper com a lógica capacitista que atravessou os corpos de Gladis, Nelson, Patrícia e Shirley. Outra categoria apresentada no construto das identidades de Nelson, Patrícia e Shirley centra-se no estudo. Os entrevistados são mulheres surdas universitárias e um homem surdo universitário.

Outra categoria apresentada pelos entrevistados é a religião. Cada entrevistado propaga sua fé em uma dada religião, a saber: Gladis é católica, Nelson é adventista, Patrícia é evangélica (“Mãos que semeiam”) e Shirley participa das reuniões da testemunha de Jeová e das missas na igreja católica. Segundo Rodrigues-Campos (2016, p. 92), a “religião tem sido descrita e definida por vários pesquisadores como fator extremamente importante, até incondicional para o desenvolvimento de qualquer sociedade e dos sujeitos”. Desse modo, apresenta-se como elemento identitário que forma o sujeito – neste caso, os sujeitos surdos entrevistados.

Os entrevistados construíram suas integralidades no solo, no território da Amazônia tocantina e reforçam essa formação ao sinalizarem que são amazônidas. Haesbaert (2020, p. 75) retora a relação “entre corpo e território, tanto no sentido o do corpo como território quanto do território/terra como corpo, especialmente na ótica dos povos originários e da visão feminista”. Nesse contexto, o território é vida, é (re)resistência. É reconhecimento da singularidade existencial, social, cultural e territorial de cada sujeito.

4. Considerações Sinalizadas

Constatou-se que há outros elementos formativos no construto da integralidade do ser surdo surdas para além da Libras e da deficiência, como: a cultura, o território, a raça, a classe, o gênero, a religião, a militância, o trabalho e o estudo. Assim, rompem-se com a colonialidade do ser surdo. A integralidade do ser surdo é um novo olhar sobre a surdez. É uma experiência decolonial na qual os surdos da Amazônia tocantina narram-se a partir da própria história do que significa ser surdo, com base em sua identidade cultural e comunicacional.

Conceber a surdez na integralidade do Ser é oportunizar formas outras de olhar o surdo pela sua ação no e com mundo, com os outros, na sua práxis, na sua identidade, ou seja,

no seu *que fazê-lo* insurge como ser social único e plural.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

BUENO, J. G. S. Surdez, linguagem e cultura. **Cad. CEDES** [online], v. 19, n. 46, p. 41-56, set. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/sDmVcR8dFLdx8cbhFkqJFCt/?lang=pt#>. Acesso em: 22 abril. 2024.

FREIRE, P. Pedagogia dos sonhos possíveis. *In*: FREIRE, A. M. A (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HAESBAERT, R. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75- 90, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532/144946> Acesso em: 23 fev. 2024.

KLEIN, M. **A formação do surdo trabalhador**: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, W. M. M de. **Narrativas de vida e pensamento decolonial**: na construção da integralidade do Ser Surdo na Amazônia Tocantina. 413f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023, Disponível em: <https://ccse.uepa.br/ppged/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

RODRIGUES-CAMPOS, R. M. **ECOS DO SILÊNCIO**: Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21870/1/2016_tese_rmrcampos.pdf. Acesso em: 14 abr. 2024.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**.

Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 24 abr. 2024.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.